Há pouco tempo um amigo me descreveu como “passional” e eu disse que ele estava certíssimo. Muitas vezes ajo com o sentimento e não com a razão. Costumo dizer que um filme deve incitar uma resposta emocional no espectador; seja para fazer chorar, sentir medo, raiva, adrenalina, amor. O que importa é extrair uma reação, causar um impacto. Os filmes que considero memoráveis são esses que por algum motivo me atingiram e, por qualquer razão, boa parte dos filmes de M. Night Shyamalan fazem parte desse grupo. Então devo confessar que sou um grande admirador do trabalho do indiano misterioso e por isso toda e qualquer opinião aqui escrita sobre seus filmes é influenciada por essa admiração. Ou seja, este é um texto subjetivo, tratando de sua carreira a partir do ponto de vista de um fã do diretor. Não faço vista grossa a suas falhas mas sou mais propenso a gostar de suas produções do que a maioria dos fãs de horror que conheço. De qualquer forma, o texto incita discussão e, opiniões contrárias ou não, são mais do que bem vindas. Por último, o texto não possui *spoilers*, mesmo que fale de filmes lançados há quase duas décadas.  
  
Manoj Nelliattu, mais conhecido como M. Night Shyamalan, nasceu na Índia em 1970 mas logo mudou-se com a família para os Estados Unidos, onde criou raízes na Filadélfia (cenário de vários de seus filmes). Desde a infância era apaixonado por cinema e tinha como ídolo o grande influenciador de sua geração: Steven Spielberg. Alguns de seus curtas produzidos na adolescência são facilmente encontrados na internet e até nos extras de seus filmes em DVD e já demonstravam seu fascínio pelo fantástico e o sobrenatural, algo que influenciaria profundamente sua carreira.

Hoje seu nome é conhecido por amantes da fantasia e do horror e cinéfilos do mundo inteiro, mas antes do novo milênio ele era um “João Ninguém”. Havia produzido dois longas, um em 1992 e outro em 1998, mas sua grande revelação veio no finalzinho do século, ancorado no astro de ação Bruce Willis, que buscava novos desafios e um afastamento dos *blockbusters* de ação. Em Agosto de 1999 estreava nos cinemas *“O Sexto Sentido” (The Sixth Sense)*, causando estardalhaço e gerando um boca a boca que por anos o cinema de horror não via. O longa conta a história de um menino que conversa com fantasmas e do psiquiatra que tenta diagnosticá-lo. Surpreendente, tecnicamente impecável e bem atuado, revelando a estrela mirim Haley Joel Osment, o filme arrecadou mais de seiscentos e setenta milhões de dólares mundialmente em um orçamento de quarenta milhões, tornando-se um sucesso absoluto e lançando o nome de Shyamalan no mercado.

De certa forma foi sorte o filme ter sido lançado quando foi, pois a internet ainda engatinhava e não existiam redes sociais, o que tornava o ato de fugir dos *spoilers* muito mais fácil. E era importantíssimo fugir de qualquer informação sobre a história pois o grande trunfo do filme era a reviravolta dos minutos finais que deixou uma geração de espectadores com o queixo no chão. Lembro muito bem de meus conhecidos e familiares falando da revelação; ou dos clientes na vídeo locadora do bairro (local em que eu passava as tardes recomendando filmes) comentando com os funcionários. Foi algo incrível e raramente visto desde então.

Tentando repetir o sucesso, Shyamalan escalou novamente Bruce Willis para seu próximo projeto; dessa vez um filme de super-herói disfarçado de *Thriller*, o excelente *“Corpo Fechado” (Unbreakable, 2000)*. Willis interpreta o único sobrevivente de um acidente de trem que descobre ter “super poderes”. Aqui M. Night consolida de vez sua habilidade em tecer uma boa história original, mais uma vez com uma reviravolta (não tão chocante mas muito relevante ao tema); extrair atuações críveis até mesmo do elenco infantil; enquadrar cenas banais de forma que cada frame se torne um exercício cinematográfico; e pontuar muito bem o ritmo de seu roteiro, sem deixar que o longa se torne tedioso. Bruce Willis e Samuel L. Jackson brilham como nêmesis um do outro neste que considero o melhor filme de super-herói já feito.

Dois anos depois, mais uma vez buscando novos horizontes e reafirmando sua idolatria por Spielberg, Shyamalan dirigiu Mel Gibson e Joaquin Phoenix em *“Sinais” (Signs, 2002)*, seu incrível longa de invasão alienígena. O indiano opta por mostrar a invasão de forma intimista, seguindo a trajetória de um ex-pastor e sua família em meio a uma situação extraordinária. Realístico e assustador, o filme segue a cartilha com ótima fotografia, excelente roteiro e lindas atuações, principalmente de Phoenix e Gibson, que possuem cenas maravilhosas de trazer lágrimas aos olhos. O que se destaca dessa vez é a trilha sonora. Mesmo que *O Sexto Sentido* e *Corpo Fechado* tenham trilhas que contribuem e muito para os respectivos longas, elas apenas ajudam na condução das cenas e cedem lugar a outros elementos mais importantes dos filmes. Aqui, em *Sinais*, a trilha (pela terceira vez consecutiva composta por James Newton Howard) ganha destaque e firma-se como um dos pontos fortes do longa. Seja para emocionar ou assustar o espectador, ela é eficaz em todos os sentidos.

Em 2004 fui ao cinema conferir *“Alien vs Predador” (Alien vs Predator)*, mas ao chegar lá me deparei com todas as sessões esgotadas. Para não perder a viagem, escolhi um dos outros filmes que estava em cartaz. Mal sabia eu que fora a melhor escolha que eu poderia ter feito. Assisti *“A Vila” (The Village)*, tive minha primeira “*experiência Shyamalan”* no cinema e saí de lá ao mesmo tempo satisfeito com minha escolha e profundamente abalado pelo filme. O filme narra a vida de habitantes de um vilarejo rodeado por uma floresta onde habitam monstros de lendas antigas. Outra vez apostando em uma reviravolta, a mais chocante desde *O Sexto Sentido*, Shyamalan acerta em cheio com seu conto sobre amor, violência, valores morais e sobre como o medo é usado para controlar o povo, paralelo com a nossa própria sociedade. É impossível não se arrepiar na cena da revelação, que dá um novo significado ao filme, principalmente com as atuações de peso de astros consagrados como William Hurt e Sigourney Weaver conduzindo uma sequência emocionante.

Depois de contar histórias sobre fantasmas, super-heróis, alienígenas e monstros, chegou a hora de Shyamalan criar sua própria fábula, o longa *“A Dama na Água” (Lady in the Water, 2006)*. Uma jovem saída de um conto de fadas acaba presa no nosso mundo e precisa se proteger de criaturas que a caçam e encontrar o caminho de volta para casa. Após uma sequência de quatro longas impecáveis, o indiano não é tão bem sucedido em sua fantasia. O filme não é ruim mas devido ao elevado patamar estabelecido pelos anteriores (apesar de *A Vila* ser um divisor de águas em sua carreira), as expectativas estavam cada vez mais altas e infelizmente, de maneira geral, não foram superadas. Pela primeira vez M. Night perde o ritmo em seu roteiro e isso acaba tirando o filme dos eixos de forma irreparável. Vale a pena assistir, com certeza, mas não com o entusiasmo de seus filmes anteriores. Dentre sua filmografia está longe de ser o pior, porém sua recepção negativa abalou consideravelmente o nome do diretor, que já vinha marchando na corda bamba desde a recepção mista de *A Vila*.

Perdendo a força de seu nome, Shyamalan lança o que talvez seja seu projeto mais ambicioso e pessoal: *“Fim dos Tempos” (The Happening, 2008)*. O longa conta a história de um professor de ciências que se vê envolto a uma ação da própria natureza para acabar com a raça humana. É uma clássica história de “E se…?”, nesse caso: “E se a natureza se vingasse e destruísse os humanos e não o contrário, como vem acontecendo desde sempre?”.

Mais uma vez eu estava lá no cinema, apoiando o lançamento deste que considero um exímio diretor. Confesso que sou um dos poucos a gostar deste filme e admito que a escolha de Mark Wahlberg para o papel principal e Zooey Deschanel como seu par romântico não foram das mais acertadas, principalmente no caso de Deschanel, que destoa totalmente da atmosfera do filme. Apesar disso, ainda acho que o longa vale ser assistido, nem que seja por suas cenas macabras de suicídios causados por um químico lançado pelas plantas no ar, algo nunca explicado totalmente, o que na minha opinião é um ponto forte. Tivera Shyamalan o trabalho de explicar a ciência por trás do longa, tenho certeza que sua força (que já não é muita) se perderia por completo, tornando-se um esquecível filme-propaganda.

Com mais um fracasso adicionado em seu currículo, Shyamalan deixou os projetos originais de lado e focou em material já existente. Assim nascia *“O Último Mestre do Ar” (The Last Airbender, 2010)*, adaptação do desenho em série conhecido no Brasil como *“Avatar: A Lenda de Aang”*. O desenho alcançou amplo sucesso no mundo todo e uma legião de fãs. Com boa animação, personagens carismáticos e uma mitologia rica, era quase certo que o longa-metragem seria um sucesso, iniciando uma nova franquia cinematográfica infanto-juvenil. Infelizmente não foi o caso. Péssima escolha de elenco e cenas de ação risíveis foram alguns dos fatores responsáveis pelo fracasso da adaptação, que enterrou de vez a recém-nascida franquia, morrendo no primeiro filme.

Sua próxima empreitada foi ainda mais fracassada, mesmo com a presença do astro Will Smith em um dos papéis principais. *“Depois da Terra” (After Earth, 2013)* conta a história de pai e filho (Will e o próprio filho, Jaden Smith) cuja nave cai na Terra milênios depois da mesma deixar de ser habitada pela raça humana. Com o pai ferido, o filho precisa enfrentar os perigos do planeta para conseguir ajuda antes que seja tarde demais. Esta é a segunda bomba de uma filmografia até então não perfeita, porém invejável. Esta ficção científica derivativa e sem inspiração serviu apenas como muleta para Will Smith tentar (sem sucesso) lançar a carreira de seu filho.

Nesse ponto de sua carreira não restava mais esperança aos fãs do “velho” Shyamalan, e seu nome, outrora reverenciado e alardeado como “o novo Alfred Hitchcock”, agora era arrastado na lama. Não havia maneira de iniciar uma conversa com alguém sobre o indiano Mestre das Reviravoltas sem que *O Último Mestre do Ar* e *Depois da Terra* entrassem na equação e calassem qualquer argumento em defesa do diretor.

Eis que o mesmo ressurge voltando ao gênero que o consagrou com o *found-footage “A Visita” (The Visit, 2015)*. Uma mãe envia os dois filhos para conhecerem os avós mas as crianças devem se proteger quando percebem o comportamento sinistro dos idosos. Finalmente o gênio saía da garrafa mais uma vez. Lá estavam todos os elementos que tornaram Shyamalan um mestre do gênero. Os fãs voltaram sua atenção ao indiano e por aqui e ali ouviam-se elogios ao seu mais recente longa-metragem. Ao mesmo tempo em que trouxe de volta os antigos seguidores, M. Night angariou uma nova geração de fãs de horror e consagrou seu primeiro sucesso em muitos anos. Estava lançada a aposta: Shyamalan conseguiria manter sua reputação de Mestre do Suspense ou *A Visita* fora apenas um lampejo da qualidade e originalidade exibida nos primeiros anos de sua carreira? A resposta estava próxima.

*“Fragmentado” (Split, 2017)* chega às telonas e o boca a boca explode, erguendo o filme ao Número Um dos cinemas por várias semanas. O “velho” Shyamalan estava de volta. Sem ressalvas. O longa conta a história de um homem cujo corpo abriga vinte e três personalidades diferentes e que nem sempre concordam entre si. Trazendo as qualidades por quais sempre fora elogiado, como ótimas atuações, ritmo cuidadoso, fotografia excelente e uma inesperada reviravolta, Shyamalan retorna com tudo aos cinemas e ao imaginário de seus fãs, que esperam ansiosamente seus próximos projetos. Os seguidores mais antigos tem muito pelo qual aguardar, levando em conta a grande revelação no final de *Fragmentado*.

Goste ou não, é inegável que o indiano influenciou e marcou uma geração, deixando seu nome gravado para sempre nos anais do cinema de horror e fantasia. Resta ter esperança de que seus novos filmes mantenham a qualidade restabelecida depois de muito suor em seus dois últimos longas. Nem sempre de sucessos foi construída sua filmografia, mas qual diretor não tem um ou outro trabalho ruim que gostaria de esquecer? Até o próprio Spielberg tem seus exemplares… ou todos já esqueceram do *Reino da Caveira de Cristal*?